



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS  
CENTRO DE CIÊNCIAS INTEGRADAS  
GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Douglas da Silva Batista

O comum da Vila Azul: intersecções entre o rural e o  
urbano (2011-2023)

Araguaína/TO

2024

Douglas da Silva Batista

O comum da Vila Azul: intersecções entre o rural e o urbano  
(2011-2023)

Monografia apresentada à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Ciências Integradas, para obtenção do título de licenciatura plena em História.

Orientador(a): Prof. Dr. Dernival Venâncio  
Ramos Junior

Araguaína/TO

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT  
**Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

D111c DA SILVA BATISTA, DOUGLAS.  
O COMUM DA VILA AZUL: INTERSECÇÕES ENTRE O  
RURAL E O URBANO (2011-2023) / DOUGLAS DA SILVA  
BATISTA. - Centro de Ciências Integradas - CCI, TO, 2024.  
25 f.  
Monografia Graduação (Graduação - em História) --  
Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2024.  
Orientador: DERNIVAL VENANCIO RAMOS JUNIOR.  
1. comum urbano. 2. Sociedade. 3. Vila Azul-Araguaína/TO.

**CDD 901**

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.


Douglas da Silva Batista

O comum da Vila Azul: intersecções entre o rural e o urbano (2011-2023)

Monografia apresentada à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Ciências Integradas, curso de Licenciatura em História. Foi avaliada para a obtenção do título de licenciado(a) em História e aprovada em sua forma final pelo(a) orientador(a) e pela banca examinadora.

Data de aprovação: 12 /07 /2024

Banca examinadora:


Documento assinado digitalmente  
 DERNIVAL VENANCIO RAMOS JUNIOR  
Data: 17/06/2025 10:17:49-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.(a) Dr.(a) Dernival Venâncio Ramos Junior - Orientador (UFNT)

---

Prof.(a) Dr.(a) Sariza Oliveira Caetano Venâncio - Examinadora (UFNT)

Documento assinado digitalmente  
 OLIVIA MACEDO MIRANDA DE MEDEIROS  
Data: 24/06/2025 13:12:12-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.(a) Dr.(a) Olivia Macedo Miranda de Medeiros - Examinadora (UFNT)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu orientador, professor Dernival Venâncio Ramos Junior, pela paciência e dedicação, exemplo de pessoa e profissional, enxergar que parte da minha rotina daria um trabalho acadêmico não seria possível sem a sua orientação. Em especial a professora doutora Sariza Oliveira Caetano Venâncio, que me deu a mão desde o primeiro período, me ajudando com o desafio que era estar na universidade após 6 anos da conclusão do meu ensino médio; por muitas vezes que encontrei dificuldades na jornada acadêmica, foi ela quem me ajudou a seguir firme, incentivando e orientando, obrigado por sua amizade, levarei para além dessa existência.

Aos meus amigos da faculdade Pablo Henrique, João Victor, Amanda Araújo, Ana Paula, Valdemar Junior, por fazerem das noites de aula momentos de discussão e descontração, agradeço por todo apoio e conselhos que me ajudaram ser uma pessoa melhor, dentro e fora da universidade. A Universidade Federal do Norte do Tocantins, e aos professores do colegiado de licenciatura em História, como ótimos profissionais, obrigado pela dedicação e conhecimentos transmitidos a mim.

Agradeço também a minha namorada Francina Gabrielle, que me apoiou e ajudou muito nessa reta final da universidade, acredito que sem o apoio que tive eu teria desistido de vez, mas estendeu a mão de forma que me ajudou a ter a força necessária para concluir.

E em especial a minha mãe, que sempre me forneceu estrutura e nunca me deixou baixar a cabeça perante as dificuldades. Assim, como também, os meus amigos e familiares, dentro e fora da universidade, com quem sempre pude contar nos bons e maus momentos.

A todos aqui citados, por segurarem a minha mão nessa fase da minha vida, tenho apenas a agradecer, muito obrigado!

## RESUMO

Diante de uma sociedade que tem evidenciado problemas ambientais, uma possível solução urbanística, conhecida como comum urbano, já acontece em algumas localidades. Assim, a presente pesquisa, no contexto do comum, buscou resoluções concernentes a esse projeto vivenciado por moradores do bairro Vila Azul na cidade de Araguaína/TO. Em que o problema surgiu diante dos prós e contras que o referido bairro tem evidenciado relacionado ao comum, numa sociedade que está tão voltada à urbanização como a cidade de Araguaína. Para isso, recorreremos à História Oral, para colhermos entrevista que contribuísse para o objetivo deste trabalho, que é registrar as principais atividades relacionadas ao comum na Vila Azul. Bem como, conhecer os principais moradores que atuam nas plantações do bairro; entender como as famílias que residem na Vila Azul veem a intersecção do urbano e do rural; e, identificar semelhanças e diferenças entre os bairros que não atuam no comum. Desse modo, buscamos embasamento na obra de João Tonucci Filho (2017), além de outros autores e pesquisas científicas. Com isso, pudemos traçar outras perspectivas na sociedade com relação às possibilidades de melhorias urbanas.

**Palavras-chave:** comum urbano. Sociedade. Vila Azul. Araguaína/TO.

## **ABSTRACT**

*Faced with a society that has highlighted environmental problems, a possible urban solution, known as urban commons, is already taking place in some locations. Thus, the present research, in the common context, sought resolutions concerning this project experienced by residents of the Vila Azul neighborhood in the city of Araguaína/TO. In which the problem arose in view of the pros and cons that the aforementioned neighborhood has shown related to the common, in a society that is as focused on urbanization as the city of Araguaína. To do this, we used Oral History to collect interviews that contributed to the objective of this work, which is to record the main activities related to the commons in Vila Azul. As well as getting to know the main residents who work in the neighborhood's plantations; understand how families residing in Vila Azul see the intersection of urban and rural; and, identify similarities and differences between neighborhoods that do not operate in the common. Therefore, we sought support in the work of João Tonucci Filho (2017), as well as other authors and scientific research. With this, we were able to outline other perspectives in society regarding the possibilities of urban improvements.*

**Keywords:** urban common. Society. Blue Village. Araguaína/TO.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	9
<b>2 HISTÓRIA AMBIENTAL E AGROECOLOGIA</b>	10
<b>3 A VILA AZUL E O COMUM URBANO</b>	13
3.1 As ações do comum dos moradores do bairro vila azul	16
<b>4 CONCLUSÃO</b>	25
<b>5 REFERÊNCIAS</b>	27



## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa em questão teve o intuito de realizar um estudo levando em consideração o conceito de comum urbano, partindo de João Tonucci Filho (2017) para quem o comum é um princípio de atividade política constituído pela atividade específica da deliberação, julgamento, decisão e a aplicação de decisões conjuntas.

Esse sentido de cooperação e demanda, gerados a partir dessas práticas coletivas, estão presentes entre os moradores do bairro Vila Azul em Araguaína, Tocantins. O bairro em questão foi iniciado em 2009 e entregue em 2011 para as famílias de baixa renda e que dependiam de aluguel, como parte do programa *Minha Casa, Minha Vida*. O residencial foi o primeiro na cidade entregue com a iniciativa do projeto.

Destacamos que o programa *Minha Casa, Minha Vida* foi uma iniciativa habitacional do governo federal do Brasil, criada pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva, em março de 2009. O Ministério das Cidades é quem gerencia. Ressaltamos que o programa oferece subsídios e taxas de juros reduzidas para que a aquisição de moradias, no caso, populares, seja mais acessível, tanto em áreas urbanas quanto rurais, com o objetivo de combater o déficit habitacional no país. Com a criação do programa, já foram entregues mais de 6 milhões de habitações (Brasil, 2023).

Desse modo, a partir de entrevistas de história oral com moradores do bairro Vila Azul, procuramos responder ao questionamento que norteia esta pesquisa: Qual a trajetória da construção do espaço coletivo denominado por nós comum da Vila azul? Quais as relações deste espaço com a origem rural dos moradores do bairro?

Para que sejam respondidas às perguntas anteriormente citadas, utilizamos a História Oral como método para essa pesquisa, pois com ela somos capazes de fazer o resgate das tradições rurais e urbanas por meio do testemunho que é passado de uma geração para outra, isso se deve ao fato de que essa tradição precede a escrita, e pode ser encontrada principalmente em comunidades que não passaram por esse processo, entre elas as ribeirinhas, indígenas e agricultoras.

Sendo assim, a pesquisa tem como objetivo geral, registrar as principais atividades relacionadas ao comum na Vila Azul de Araguaína/TO. Descrever a experiência do comum da vila azul; descrever a percepção sobre a continuidade do espaço comunitário

Com o estudo, observou-se que mesmo após anos de evidências e estudos em torno do comum, a sociedade ainda desconhece o termo, bem como o que se pode ou não alcançar com o projeto.

## **2 HISTÓRIA AMBIENTAL E AGROECOLOGIA**

A história ambiental é um conceito que busca estudar a interação entre as sociedades humanas e o meio ambiente ao longo do tempo. Neste sentido, o advento da agricultura marcou um ponto crucial na história ambiental, pois as práticas agrícolas alteraram significativamente o uso da terra, causando impactos duradouros nos ecossistemas, políticas ecológicas e nas atitudes das sociedades em relação à natureza (Froehlich, 2000).

Com isso, Pádua (2010, p. 82), destaca que “A discussão ambiental se tornou ao mesmo tempo criadora e criatura do processo de globalização. A própria imagem da globalidade planetária, em grande parte, é uma construção simbólica desse campo cultural complexo”. Assim, vemos que se tratam de resoluções para serem colocadas em prática tanto para a sociedade quanto para o meio ambiente.

Nos últimos tempos, vemos uma valorização no Brasil de conhecimentos e práticas que estão relacionadas com a terra e cultivo de plantas, o conhecimento produzido através de pesquisas realizadas nas sociedades tradicionais que estão intimamente ligadas à terra, evidenciando a importância desse conhecimento e práticas para o desenvolvimento social e cultural (Eidt; Udry, 2019).

Além disso, os principais pontos da história ambiental podem explicar com detalhes a importância desse estudo, em primeiro temos a perspectiva de longo prazo que ao estudar as interações entre humanos e o meio ambiente, examina mudanças climáticas e impactos ambientais; em segundo podemos elencar que a revolução industrial provocou as grandes mudanças na forma como a sociedade produz e consome bens, resultando na intensificação da exploração ambiental e mudanças climáticas; terceiro e fundamental ponto nesta linha de raciocínio que se inclina a pensar nos desafios atuais que abordam também os desafios ambientais (Worster, 2003).

Entre os já citados estão a degradação do solo, escassez dos recursos naturais e a necessidade de práticas mais sustentáveis. Por fim, a história ambiental nos

concede uma visão crítica, na qual podemos entender as interações entre as sociedades humanas e o meio ambiente ao longo do tempo, que nos leva para uma compreensão mais profunda dos desafios ambientais contemporâneos (Benazzi; Leite, 2021).

Por outro lado, a agroecologia e a história ambiental se concentram em analisar a interação ao longo do tempo das populações e o meio em que vivem, sendo a agroecologia mais centrada na abordagem que visa criar sistemas agrícolas sustentáveis, equilibrando a produção de alimentos, preservação do meio ambiente e a equidade social, sem depender de forma intensiva de insumos externos, como pesticidas e fertilizantes sintéticos, ela promove práticas que trabalham em harmonia com os processos naturais.

Alguns dos princípios da agroecologia são: a diversificação de culturas, o uso eficiente dos recursos naturais e a promoção da biodiversidade. Por fim, essa conexão entre sistemas agrícolas, ecossistemas e comunidades locais são reconhecidas dentro de uma mesma abordagem. Levando em consideração os aspectos práticos da agroecologia que aborda as questões sociais, assim como a justiça na distribuição de recursos e acesso à terra. Considerando a dimensão social da agricultura, cria também sistemas alimentares sustentáveis e inclusivos, promovendo essa segurança alimentar de longo prazo minimizando os impactos negativos no meio ambiente.

Nesse contexto entre a história ambiental e a agroecologia podemos colocar o comum urbano em estudo neste trabalho, que segundo Tonucci Filho (2017), refere-se aos bens, espaços e recursos compartilhados pela própria comunidade, além de que ela é quem usa e gere, beneficiando a todos, fora do ambiente mercado e do Estado.

Existe uma relação entre a agroecologia e comum urbano, porque as duas trazem a ideia de integrar práticas sustentáveis nos espaços urbanos compartilhados, a exemplo o comum da Vila Azul, que é um espaço compartilhado entre moradores, onde é possível encontrar as mais diversas plantas medicinais, frutíferas onde todos os moradores do local podem usufruir. Essa prática do comum urbano pode ser classificada como espaço ambientalmente amigável, porque toda a comunidade se envolve na produção de alimentos, promovendo uma agroecologia no contexto urbano. Essa iniciativa não fornece apenas alimentos frescos para a comunidade, mas também fortalece os laços sociais desses grupos que participam dessa interação.

Com isso, fizemos um levantamento e obtivemos mais precisamente as informações referentes às plantações existentes no espaço compartilhado:

Tabela 1: Inventário de espécies da praça Vila Azul

<b>Categoria</b>	<b>Espécies</b>	<b>Quantidade de espécies</b>
<b>Medicinais</b>	Capim santo, erva cidreira, folha santa, algodão	4
<b>Alimentares</b>	Cajá, ciriguela, jambo, jambo amarelo, limão, caju, pequi, mandioca, acerola, manga, vinagreira, goiaba, cana, laranja.	15

A partir do inventário, notamos a relevância das espécies para a sociedade que habita naquela região, tendo em vista que, tanto as plantas medicinais quanto as alimentares contribuem para o meio ambiente e a comunidade em geral. Apesar das plantas medicinais serem importantes, destacamos que nem todos os moradores sabem para que servem.

Em pesquisa realizada por Rodrigues (2023), no reassentamento Mirindiba/TO, observamos algumas semelhanças de espécies em comum em um quintal daquela região. No quesito plantas medicinais havia cidreira e algodão; nas alimentares, a maioria dos frutos citados nesta planilha foram citados no trabalho, com exceção do jambo e da vinagreira. Isso equivale a assemelhar as duas zonas habitacionais, mesmo a urbana voltada para o desenvolvimento predial.

Ressaltamos ainda que tanto as plantas medicinais quanto as árvores frutíferas são mais comuns nos quintais rurais, o que nos reporta a uma ligação do urbano e do rural no bairro Vila Azul. Neste aspecto, consideramos o quintal produtivo uma das conexões que une a sociedade e contribui para a biodiversidade. Ramos Júnior e Silva (2022, p. 21), destacam o conceito de quintal produtivo como algo que

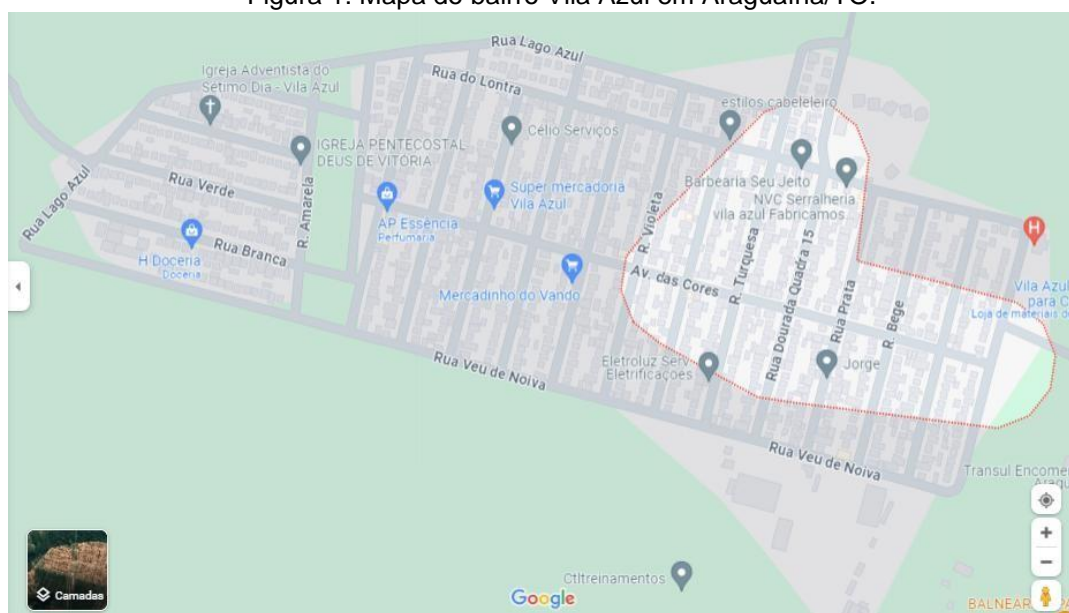
[...] atém-se à particularidade dessas áreas, ou estruturas, nos processos de reprodução camponesa. Seu uso recente lança luz a aspectos que habitualmente são considerados nos estudos clássicos sobre os grupos camponeses, em que as famílias e seus meios materiais de reprodução são tomados de maneira mais ou menos homogênea. As famílias detêm força de trabalho e terra, assegurando, com esses meios, sua sobrevivência.

Embora não necessariamente nos quintais das casas da Vila Azul, pode-se considerar como algo próprio da comunidade em questão, por isso utilizamos o termo de modo mais particular para os moradores do referido bairro. Isso se deve também à liberdade que todos têm para se beneficiar das plantas e frutas.

### 3 A VILA AZUL E O COMUM URBANO

A cidade de Araguaína, Tocantins, possui uma área territorial de 4.004,646 km<sup>2</sup> e sua população residente corresponde a 171.301 pessoas (IBGE, 2022). Dentre os habitantes, no bairro Vila Azul, segundo a prefeitura de Araguaína (2022), tem uma população com cerca de 3.500 pessoas. É um bairro distante do Centro da cidade, e conforme a figura 1, é possível ver sua distância dos demais bairros também.

Figura 1: Mapa do bairro Vila Azul em Araguaína/TO.



Fonte: Google Maps (2024).

A Vila Azul, na cidade de Araguaína, após três anos de sua construção, teve projetos desenvolvidos pelo presidente de bairro, Valdensio Alves, que incentivava o uso do canteiro entre a via dupla, que divide o bairro entre a primeira e segunda etapa do projeto, para cultivo de verduras e legumes que seriam então comercializadas na feira local do residencial.

Até então o espaço se encontrava vazio, com crescimento constante de ervas daninhas e sofrendo com descartes de lixo indevido por parte de alguns moradores.

Com o atraso na iniciação do projeto, o presidente de bairro foi trocado, sucedido pelo morador Antônio Carlos, que teve a iniciativa de pôr em prática a proposta. Porém, mesmo com o esforço de alguns residentes para o cultivo das hortaliças o projeto não durou tempo suficiente.

Nisso, no projeto inicial entregue aos moradores, todas as casas contavam com pelo menos uma árvore na frente, eram mudas nativas do cerrado, visando a arborização do setor e da cidade como um todo. Contudo, poucos as mantiveram. Em uma conversa com Maria de Jesus, residente do bairro desde a entrega das casas, ela afirma que o motivo seria o pequeno espaço dos quintais que só teria espaço para a ampliação de suas residências; já outros simplesmente não as queriam.

Com o passar dos anos uma situação vem se apresentando no setor, alguns dos moradores próximos aos lotes vazios não utilizados pela prefeitura, passaram a plantar árvores frutíferas, plantas medicinais, ornamentais, para uso geral de todos que as precisassem, constituindo um comum.

Após quase 8 anos da entrega do residencial, foi construída uma praça com aparelhos de musculação e parquinho para crianças, que logo também teve em seu espaço algumas partes árvores plantadas pelos moradores mais próximos, o que tornou bastante comum o cultivo e cuidado pela população desses espaços não utilizados – terrenos de esquina, lotes vazios em frente as casas, canteiros que dividem as ruas.

Imagem 1: Entrada do bairro Vila Azul



Fonte: Autoria própria (2024).

Os atos políticos desses moradores em preservar práticas de plantio, mesmo dentro das cidades, auxiliam-nos a compreender como a práxis constituinte do comum

continua a acontecer mesmo após o início dessas atividades. A mobilização comunitária também promove a incorporação dos valores finalísticos do grupo; os protestos que defendem a posse se fortalecem naqueles que protestam e nos que circundam a coesão do grupo, sem dissipar as individualidades, pois, no fim, são elas todas as instituintes, cada indivíduo em luta constitui o comum (Pinto, 2019).

Entender que essa resistência deve ser abraçada por toda a vizinhança é o que nos leva a pensar melhor em termos de compartilhar os frutos do trabalho exercido nesse “quintal comunitário”. Entende-se que de nada adianta uma mobilização organizada em torno da iniciativa de plantio e preservação do quintal, sem que haja a divisão das tarefas a fim de zelo e cultivo, onde só assim tenham todos a possibilidade da colheita dos benefícios dessa atividade.

Seguindo essa linha de organização e compreensão dessa divisão comunitária, Silva e Silva (2022, p. 66) dizem que:

O comum urbano é repleto da produção em forma de mutirões, numa lógica que transcende a própria relação capital versus trabalho, sendo superior a esta no sentido do fortalecimento da liberdade e autonomia da sociedade organizada a partir das bases comunitárias.

Destacamos que para que se organizem e se alternem nos cuidados com esses locais é organizado um mutirão em que os envolvidos se reúnem para limpeza do local e/ou plantio, troca de mudas, e também a troca de informações. Os mutirões ocorrem geralmente de seis em seis meses, ou quando há necessidade.

No caso dos mutirões, os participantes constroem juntos mais que um simples produto, os comuns desses espaços, promovem a construção das próprias identidades e especificidades, através do engajamento político cada vez mais denso, atrelada à conquista das condições necessárias, à manutenção e reprodução da vida. Essa relação nos permite entender mais sobre como se organizam, mesmo que aos poucos, e como e porque essas atividades são inseridas no meio urbano.

De acordo com Tonucci Filho (2017, p. 114), “Os espaços da cidade são hoje predominantemente privados (ou públicos), e não de livre acesso e uso, tampouco sujeitos a formas comunais de propriedade”. A partir disso, o autor, como teórico no conceito de território, afirma que é preciso ação política dos cidadãos para só então se apropriar desses espaços, bem como, protegê-los, fortalecê-los e torná-los efetivamente comuns. Algo que trazendo para nosso contexto pode ser nitidamente

observado na conjuntura das praças e espaços públicos, antes não utilizados, no bairro Vila Azul, enfatizado a seguir.

### 3.1 As ações do comum dos moradores do bairro vila azul

Antes de adentrarmos nas questões referentes à pesquisa, destaco que sou um dos moradores da Vila Azul. Assim, pela proximidade e pela sua importância no local, foi escolhido para a entrevista um vizinho que mais contribuiu com melhorias, com as plantações diversas no bairro. Por isso conforme os registros da conversa, chamo-o de vizinho e agimos em alguns momentos de forma mais amigável. Destaco ainda que correspondo aos primeiros moradores, ou seja, desde 2011 conheço a história dos que habitam a Vila Azul.

Desde que as casas foram entregues aos moradores da Vila Azul pelo programa *Minha Casa, Minha Vida*, este vizinho, Edivan Palhares, foi quem mais manteve o hábito de cultivar plantas onde poderia ter se tornado um local de resíduos domésticos.

Pelo motivo já citado, o morador em questão foi o escolhido para falar sobre a realidade do bairro. Sua história, que foi gravada e depois transcrita, corresponde à História Oral, que conforme Delgado (2006, p. 15), trata-se de “um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações”.

Destacamos ainda que a conversa fluiu de forma descontraída, sem muita pretensão de um roteiro, mas voltada para os benefícios realizados desde a habitação do bairro, além de falar sobre a atual situação dos moradores e dos órgãos governamentais. A seguir:

**Douglas:** *Pois é vizinho, e o senhor aprendeu a fazer... aprendeu a mexer com a terra desde quando?*

**Edivan:** *Desde os meus 12 anos. Aprendi com meu pai, sempre trabalhei com meu pai na roça, e ele mexia com plantio, nós tinha um plantio de laranja. Nós tinha dois plantio de laranja lá onde nós morava.*

**Douglas:** *E era onde?*

**Edivan:** *Lá depois do Codó. São Lourenço do Maranhão.*

**Douglas:** *Em São Lourenço do Maranhão! E vocês tinham uma terrinha lá?*

**Edivan:** *Tinha. Tinha terra e tinha dois sítios de laranja, aprendi com meu pai, nós plantava, desde os 12 anos que eu mexia com ele, nós aguava todo santo dia 300 pés de laranja. 150 de um lado e 150 do outro.*

**Douglas:** *Mas plantava para o consumo e para vender?*

**Edivan:** *Para consumo. Nos vendia quando tinha laranja.*

**Douglas:** *Na feira?*

**Edivan:** *Não, os caminhão ia buscar. Saia era carrada de caminhão cheio de laranja.*

**Douglas:** *Aí enchia e o senhor... mas vocês colhiam era de manhã?*

**Edivan:** *Era de manhã! Nós passava o dia todinho colhendo laranja, mais era de manhã, a gente subia nos pés de laranja e botava uns... papai fazia uns cofo, aí cê tirava para não cair no chão. Enchia os cofos e descia.*

**Douglas:** *Com palha de coco babaçu.*

**Edivan:** *Era, fazia aqueles cofos, aí nós levava e ia botando dentro. Nós tinha uma área grande na casa lá, de fora a fora, aí enchia tudinho. Tinha uns peitoril assim, até a altura, jogando às laranja, aí o caminhão vinha buscar (Entrevista realizada no dia 12 de maio de 2024).*

Ao nos depararmos com essa conversa inicial, vemos a simplicidade de alguém que conhece os manejos da plantação desde sua juventude. Embora tenha sido em um local próprio para as plantações, ou seja, na zona rural, vemos que o início da valorização da agricultura é ensinado ainda nos primeiros anos de vida, ou pode se tratar também de uma realidade condicionada às necessidades do ser humano. Nesse sentido, Worster (2003), elucida que

[...] as pessoas são forçadas a se adaptarem às condições locais do solo, do clima e da água. Poder-se-ia até chamar tais condições de determinantes suaves da existência humana, já que elas influenciam significativamente como e onde as pessoas obtêm seus meios de vida e de que tipo de vida se trata (Worster, 2003, p. 31).

Vale destacar ainda na fala do entrevistado, que a plantação de laranjas inicialmente era para o consumo próprio, e somente após um número maior, é que se vendiam as frutas na cidade. Trata-se de uma divisão que consiste na realidade dos que plantaram e colheram, apesar de alcançarem algum lucro com a venda do resultado de seu trabalho.

Ainda sobre as plantações, mas agora no bairro Vila Azul, a conversa ocorreu da seguinte forma:

**Douglas:** *E aqui na frente da vila, vizinho? Eu tinha conversado com meu professor, né?! Foi uma ideia que tem uns dois anos que eu falei com ele sobre isso e ele tinha falado pra mim que era motivo de um projeto. Era tema para um projeto essa iniciativa aqui porque ele já trabalha com os quintais e aqui, querendo ou não, é uma iniciativa que partiu da população, o pessoal que mora aqui na frente. Como é que era aqui, o senhor lembra?*

**Edivan:** *Lembro! Quando cheguei aqui era só o mato, o matão aí, era um mato doido, e o povo jogando lixo. Aí eu digo “menino, eu vou capinar isso aqui, já que o povo tá jogando lixo, eu vou plantar feijão” aí, eu comecei a plantar feijão, aí depois a minha mulher “não, vamos plantar uns pés de*

*manga, pé de caju". Aí eu fui na chácara lá do vizinho, aquele pé de pequi ali, primeiro eu plantei o pé de pequi, assim que eu cheguei aqui. Aí nós trouxemos, eu fui na chácara, o vizinho me deu essas muda de caju, aí eu fui, plantei, plantemos aqueles pé de goiaba lá, a goiaba foi o Robenildo que trouxe, plantou, aí fomos plantando. A mulher plantou esse pé de manga, e aquele outro também o Robenildo trouxe e nós plantemos. Aí fomos enchendo, manga, caju...* **Douglas:** *Siriguela.*

**Edivan:** *Siriguela, tudo!*

**Douglas:** *E o senhor já plantou mandioca aí! Já colheu feijão, mandioca.*

*Já colhi, feijão, mandioca. Tinha mandioca aí e era muita, acabou porque não prestou mais, sombreou, aí não dava mais, mas tinha feijão e mandioca* (Entrevista realizada no dia 12 de maio de 2024).

Sob a perspectiva de uma pessoa que já morou na Zona Rural, mas não esqueceu dos seus costumes, percebemos sua perspicácia em manter um conhecimento e uma situação favorável a todos. Pois a plantação de árvores frutíferas ou outros alimentos, mesmo que num local atípico, trata-se de um pensamento do comum, de uma contribuição para a sociedade, em que ela se beneficia não somente com alimentos, mas com as sombras das árvores, e ainda, impedindo que o local se transformasse em um depósito de lixo. Criando um espaço de produção e ambientalmente agradável.

Conforme afirma Bollier (2014 *apud* Tonucci Filho, 2017), o direito dos comuns dá ênfase significativa ao costume, que serve como aspecto fundamental. Os costumes não só estabelecem um código cultural e um quadro ético para a comunidade, mas também criam uma narrativa coletiva que liga a geração atual às que vieram antes, garantindo a preservação e a gestão eficaz dos recursos locais. Os regulamentos e padrões que regem os bens comuns giram em torno da acessibilidade e utilização de recursos partilhados pelos membros da comunidade.

Imagem 2: Plantações de arvores dos moradores.



Fonte: autoria própria (2024)

**Edivan:**

A iniciativa do morador que viu uma possibilidade de desenvolvimento naquela região, foi exemplo para outros que, com o tempo passaram a ver uma solução que beneficiaria a comunidade de Vila Azul. A imagem 2 é um dos exemplos, pois a sombra que foi feita pelas árvores, contribui para um local de espera dos transportes público ou alternativo. A conversa continua: **Douglas:** *E aí até hoje o senhor continua, desde o tempo que começou tá continuando?*

**Edivan:** *É, plantemo mandioca ali, mais pra frente ali, tá lá a mandioca.*

**Douglas:** *E pra frente das outras vizinhanças também, né!*

**Edivan:** *É, tudo é iniciativa. Iniciativa porque eu comecei daqui, né, aí os outros de lá, para não ficarem colocando lixo, foram limpando tudinho pra ficar bem limpinho.*

**Douglas:** *Para não dar mato na frente mais.*

**Edivan:** *É!*

**Douglas:** *E também não correr o risco de juntar mala, juntar essas coisas, não é?! Edivan:* *É!*

**Douglas:** *Porque acaba juntando, o povo escondendo coisa. Mais tá certo vizinho. E esses pé de manga vizinho, o senhor já comeu alguma fruta deles?*

**Edivan:** *Já, desse aqui já! Só aquele lá que não botou ainda, mas esses outros aqui, caju, isso aí tudinho já colocaram. (Apontando para uma das árvores)*

**Douglas:** *É também já comi fruta desse aí.*

**Edivan:** *Esse aqui a manga dele é gostosa.*

**Douglas:** *Esse ano, eu reparei que o pé de cajazinho deu umas cajazinha, rapaz.*

**Edivan:** *Humrrum, tirei docinha.*

**Douglas:** *Docinha e baixinha.*

**Edivan:** *Aquele lá, foi eu que plantei ele.*

**Douglas:** *Foi! E aquela água passando ali agora, ficou bom pra ele.*

**Edivan:** *E as cajás dele é docinha, rapaz.*

**Douglas:** *Pequi, já comeu esse ano também?*

**Edivan:** *O pequi é bom, gostoso.*

**Douglas:** *Siriguela dá que nem dá conta, nem os meninos deram conta dela esse ano. É bom demais! E o senhor pretende continuar, né vizinho, porque não vai deixar largado. Daqui pra frente só vai crescer mais isso aí. Edivan:* *Vai crescer mais, não vou deixar abandonar não, eu comecei e agora é que vou cuidar mesmo.*

**Douglas:** *O Robenildo também está sempre com o senhor aí, né.*

**Edivan:** *É, ele limpa de um lado, eu limpo do outro e nós vamos limpando.*

**Douglas:** *E o senhor aproveita até aquela partezinha lá e planta feijão, não é!*

**Edivan:** *É aquela lá, planto mandioca. Lá tá cheio de mandioca, vou até dar uma roçada nela lá, do lado de lá.*

**Douglas:** *Vizinho, o senhor acha que se tivesse um projeto aqui na Vila Azul, um projeto de uma horta que fosse pra frente, tivesse o cuidado, pessoas à frente que nem o senhor, o Robenildo. O senhor acha que dava algum futuro?*

**Edivan:** *Dava, se tivesse um local que os caras mandassem os adubos, as máquinas e a prefeitura coisasse. A gente tomava de conta.*

**Douglas:** *A população fazia uma cooperativa, né.*

**Edivan:** *Exatamente.*

**Douglas:** *Para voltar a feira da vila, né.*

**Edivan:** *Era, se tivesse, aí dava pra fazer, se tivesse com um local bom, se tivesse com as máquinas para aradar, para fazer os canteiros.*

**Douglas:** *Dava para fazer uma feira, tipo aquelas feiras gastronômicas. Fazer uma feira com os caldos, com as comidas típicas, feitas com a horta daqui.*

*Sem ter negócio de veneno (Entrevista realizada no dia 12 de maio de 2024).*

Percebemos que no decorrer do diálogo, o morador aponta uma questão relevante que é a ação governamental. Quando ele destaca que os poderes públicos poderiam agir para beneficiar a população. Neste caso, com melhores recursos como adubo, máquinas para ajudar na plantação, e com isso, seria criada uma horta comunitária, sem agrotóxicos e que ainda ajudaria a sociedade a lucrar. Worster, (2003, p. 25), aponta que:

A história ambiental nasceu de uma forte preocupação moral, podendo ainda ter alguns compromissos de reforma política, mas à medida que amadurecia, tornava-se um empreendimento intelectual que não tem qualquer agenda moral ou política simplista ou única para promover.

Observamos que apesar dos esforços da comunidade, a questão política nem sempre intervém em melhorias. E ainda, não são todos os moradores que cuidam das plantações. Percebemos também, que apesar da iniciativa de um morador, poucos foram os que continuaram a missão do comum.

Tonucci Filho (2017), compreende que apesar de esforços melhores dos projetos de desenvolvimento urbano para organizar, consolidar, condensar, combinar e otimizar as interligações entre recursos, indivíduos e locais simultaneamente e em relações estáveis, a cidade resiste à conformidade. Cada componente de uma coleção mantém uma existência independente além da própria coleção, e cada arranjo de elementos altamente diversos permanece transitório.

A conversa a seguir, reitera a preocupação do indivíduo que sobressai no coletivo, neste caso, do morador de Vila Azul e os demais moradores.

**Douglas:** *Só com as coisas plantadas da horta, é bom demais. E o senhor disse que tem um pé de jambo aí, aquele jambo do mato.*

**Edivan:** *Ele tá bem ali ó.*

**Douglas:** *É aquele amarelinho, vizinho?*

**Edivan:** *É, amarelinho, é daquele amarelinho!*

**Douglas:** *Rapaz! Acho que com um pouquinho mais de água ele vai começar a...*

**Edivan:**

**Edivan:** *Ele não vai demorar botar mais não, e esse jambinho é gostoso.*

**Douglas:** *É gostoso, eu lembro dele lá da roça.*

**Edivan:** *A menina trouxe essa muda do Pará pra cá e eu plantei ali.*

**Douglas:** *De vez em quando não dá muito bom é para flor, né! Flor aqui tem que estar aguando direto.*

**Edivan:** *Não, não, flor aqui não dá não. Agora essa aí não porque é planta do cerrado, esse aí não pode chover, se não ele...*

**Douglas:** *Vai embora!*

**Edivan:** *Vai embora!*

**Douglas:** *Eu já vi que o senhor botou também um, uns espanta inseto, espanta praga.*

**Edivan:**

*É por causa das abelhas, para não tá estragando o caju.*

**Douglas:** *E sem botar veneno, né! Só colocando a garrafinha com água.*

**Edivan:** *É, a garrafinha com água, quando a gente dá fé elas vão embora, para não estragar os caju.*

**Douglas:** *E isso aí tudo o senhor aprendeu passando de pai para... Edivan:*  
*Foi de dentro do meu pai.*

**Douglas:** *Seu pai lhe ensinou, o senhor aprendeu.*

**Edivan:** *Foi, aprendi com meu pai. Desde meus 12 anos, já trabalhava de roça, cuidando de tudo.*

**Douglas:** *E antes de vir aqui pra vila, o senhor morava em qual bairro da cidade?*

**Edivan:** *Eu morava no Bairro Senador.*

**Douglas:** *Bairro Senador...*

**Edivan:** *Perto do SENAI ali, por trás do SENAI.*

**Douglas:** *Eu sei... lá o senhor tinha um lugarzinho assim também. Edivan:*  
*Tinha! Mas lá nós não tinha porque depois... lá tinha os local, mas foram asfaltando tudo aí acabou.*

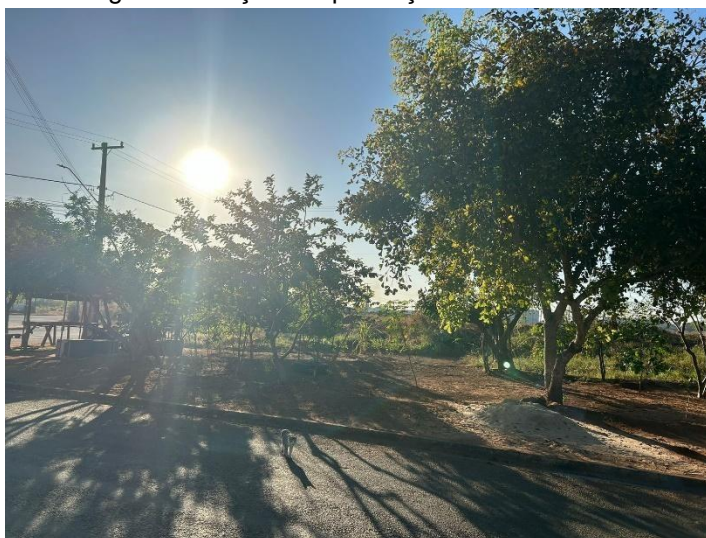
**Douglas:** *A prefeitura tomou de conta de tudo!*

**Edivan:** *É, aí não tinha como plantar.*

**Douglas:** *Derrubava tudo. Aqui nós não pode deixar derrubar não! (Entrevista realizada no dia 12 de maio de 2024).*

A *imagem 3* mostra como as plantações na praça contribuíram para um local mais agradável. O morador entrevistado destaca que a prefeitura não pode derrubar o que foi feito pelos moradores. Trata-se de um apego, mas ao mesmo tempo uma forma de protestar por algo que foi construído em benefício do bairro.

Imagem 2: Praça com plantações dos moradores.



Fonte: A autoria própria (2024).

**Edivan:** *Aqui a prefeitura não derruba mais isso aí não.*

**Douglas:** *Derruba não!*

**Edivan:**

**Edivan:** *Aqui é um projeto com a praça, se eles tiverem de fazer alguma praça aí, mas os plantio fica.*

**Douglas:** *Se não, o certo é eles gradear essa parte aí todinha e entregar a chave aqui.*

*Pode tirar alguns que é pra não ficar muito em cima do outro, mas de tirar não tira não!*

**Douglas:** *Acho que é difícil porque é tudo árvore de fruta. Não tem nenhuma árvore aí que é para não prejudicar.*

**Edivan:** *É proibido derrubar!*

**Douglas:** *É melhor do que outros local aqui na vila que a gente vê que fica largado, não é, vizinho. O povo joga lixo, não vai pra frente que nem a horta comunitária dos fundos lá.*

**Edivan:** *Começou, mas não...*

**Douglas:** *Não foi pra frente! Tem umas pessoas que planta ali ainda, um feijãozinho, uma coisinha assim.*

**Edivan:** *É o seu João que mora bem ali, e o velhinho lá. O seu João que mexe lá.*

**Douglas:** *Mas ali era falta de alguém pegar, juntar a comunidade e o presidente de bairro, né!*

**Edivan:** *Mas o presidente de bairro daqui é um cara que não...*

**Douglas:** *Ele não quer se envolver com esse projetos da comunidade aqui, do setor. Essa parte é mais jogada política.*

**Edivan:** *É.*

**Douglas:** *Se tivesse mais apoio, ia pra frente e rodava o dinheiro aqui dentro do setor da Vila Azul. Aí fica fechado o povo comprando coisa lá no supermercado lá, compra coisa no supermercado, tem comprar uma verdura, compra lá. Não tem um comerciante da feira aqui que vende um cheiro verde fresquinho todo dia, vende uma coisinha assim.*

**Edivan:** *Tem não!*

**Douglas:** *Até acha alguns passando aí, mas é difícil.*

**Edivan:** *É difícil, é!*

**Douglas:** *É mais fácil achar no supermercado, aí o povo acaba indo no mercadinho. Não que seja ruim, mas seria melhor dessa forma, mas é isso aí mesmo, vizinho, é isso aí mesmo. Pois muito obrigado! Fazia dias que eu queria falar com o senhor, saber umas informações básicas, é o que vai dar de acordo com a pesquisa, entendeu (Entrevista realizada no dia 12 de maio de 2024).*

O desabafo do morador frente às expectativas das plantações, remete-nos a um trabalho praticamente solitário. Trata-se de algo que a Vila Azul, apesar de ser um modelo de comum urbano, enfrenta devido aos problemas contemporâneos, em que interesses individuais sobressaem no coletivo. O morador que nos concedeu a entrevista demonstra ainda uma preocupação no cuidado com as plantações, tendo em vista que muitos moradores consideram irrelevante o plantio ou a criação de horta coletiva, inclusive o próprio presidente do bairro. Sobre essa questão Tonucci Filho (2017) destaca:

[...] os direitos individuais são considerados sempre anteriores e superiores aos interesses coletivos, o que coloca uma série de obstáculos à limitação dos direitos de propriedade. Ainda que se reconheça a propriedade pública, ela é entendida mais como propriedade do Estado enquanto indivíduo artificial do que propriedade coletiva (Tonucci Filho, 2017, p. 61).

Não se trata de apenas uma responsabilidade, o autor ainda complementa que: “O problema do comum não deve ser encarado enquanto questão de interesse individual versus o interesse comum, mas sim de como determinados interesses individuais podem ser articulados de tal modo a constituírem interesses comuns” (Ibid., p. 86). É essa a perspectiva que poucos fazem uso.

A conversa com o morador que mais contribuiu para o desenvolvimento da arborização no bairro Vila Azul, precede um possível problema se não houver mais pessoas empenhadas em desenvolver o coletivo. Ao finalizar a entrevista, em que a última frase do morador é “*É difícil, é!*”, mas ele continua; percebo uma entonação de tristeza, ao mesmo tempo que suas ações e interesse nas plantações de frutas, dão-me esperança sobre o bairro que vivo há mais de dez anos.

#### **4 CONCLUSÃO**

Quando nos propusemos a fazer a pesquisa, com diversos questionamentos, mas que dois sobressaíram, principalmente voltados aos prós e contras que a Vila Azul tem evidenciado relacionado ao comum, numa sociedade que está tão voltada à urbanização como a cidade de Araguaína, percebemos que se trata de uma questão correspondente ao individualismo e ao coletivo, e que um desses pode destacar mais.

Notamos que, apesar de partir de uma pessoa o cultivo de plantas frutíferas, pode não perdurar as ações do comum na Vila Azul quando poucos se empenham por melhorias sociais. Inicialmente alguns moradores tornaram o espaço aberto um local propício para jogar resíduos residenciais, apenas um morador teve a ideia de contribuir com a sociedade buscando outras possibilidades para aquela localização.

Registrar as principais atividades relacionadas ao comum na Vila Azul de Araguaína/TO, caracteriza a história de uma população que tem buscado meios para amenizar os impactos ambientais, não somente na cidade, mas na população mundial. São medidas que podem contribuir para uma harmonia entre a natureza e o ser humano, tornando possível a intersecção do urbano e do rural. E apesar de outros

**Edivan:**

bairros não aderirem ao comum urbano, podemos notar mais benefícios de quem o realiza do que aqueles que não se ajustam a uma solução ambiental e social.

Assim sendo, pensar no comum urbano é fazer a diferença com o simples, mas que age na totalidade das comunidades, em que o coletivo sobressai nas individualidades e ainda contribui para o meio ambiente. Por fim, esperamos ainda que a pesquisa seja apenas uma das muitas que valorizam a história dos bairros, das cidades, e daqueles que fazem a diferença no coletivo.

## 5 REFERÊNCIAS

BENAZZI, Eloísa; LEITE, Luís Fernando Carvalho. Solo e o complexo desafio da segurança alimentar. *In*: SOUZA; H. A.; LEITE, L. F. C.; MEDEIROS, J. C. **Solos Sustentáveis para a Agricultura no Nordeste**, p. 21-52. Brasília: Embrapa, 2021.

BRASIL. **Conheça o programa Minha Casa, Minha Vida**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/cidades/pt-br/assuntos/noticias-1/conheca-o-programa-minhacasa-minha-vida>. Acesso em: 8 nov. 2023.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FROELICHT, José Marcos. Gilberto Freyre, a história ambiental e a 'rurbanização'. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, v. 7, n. 2; p. 281-301, jul.-out. 2000. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702000000300003>.

GOOGLE MAPS. **Vila Azul, Araguaína-TO**. 2024. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Vila+Azul,+Aragua%C3%ADna+-+TO/@7.2162415,-48.2559567,17z/data=!4m6!3m5!1s0x92d91202b018b80f:0x4c9db772aef526ae!8m2!3d-7.2162618!4d-48.2511722!16s%2Fg%2F1pwfcnl3b?entry=ttu>. Acesso em: 20 jun. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Araguaína**. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/araguaina/panorama>. Acesso em: 20 jun. 2024.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos Avançados**, v. 24, n. 68, p. 81–101, 2010.

PINTO, Sandro Ferreira. **Conexões entre o comum urbano, cultura política e território nas ocupações Alto Bonito e Jardim Deus é Fiel em Araguaína - TO**. 173f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Norte do Tocantins, Campus Universitário de Araguaína. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território -PPGCULT, 2021.

PREFEITURA DE ARAGUAINA. **Moradores do Nova Araguaína, Vila Azul e Vila Aliança serão atendidos nas UBS do Bairro de Fátima, JK e Alto Bonito**. 2022. Disponível em: <https://araguaina.to.gov.br/noticias/2022/moradores-do-nova-araguaina-vila-azul-e-vila-alianca-ser-ao-atendidos-nas-ubs-do-bairro-de-f-atima-jk-e-altobonito#:~:text=Ao%20todo%2C%20cerca%20de%203.500,no%20primeiro%20seme%20de%202023>. Acesso em: 20 jun. 2024.

RAMOS JÚNIOR, Dernival Venâncio; SILVA, Harley. Da reprodução social da unidade familiar camponesa: um estudo de caso no vale do Tocantins. **Estudos, sociedade e agricultura**, v. 30, n. 2, julho a dezembro de 2022, p. 1-32 (publicação contínua), e2230202.

RODRIGUES, Pablo Henrique Cardoso. **Reflexões sobre experiência em programa de iniciação científica**. 19f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História), Universidade Federal do Norte do Tocantins, Campus Universitário de Araguaína - TO, 2023.

SILVA, Elias da; SILVA, Harley. A construção da praça Maria Ferreira da Silva na perspectiva do comum urbano e direito à cidade. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia-MG, v. 23, n. 90 dez./2022, p. 59–74.

TONUCCI FILHO, João Bosco Moura. **Comum urbano**: a cidade além do público e do privado. 244f. Tese (doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, 2017.

WORSTER, Donald. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na história. **Ambiente & Sociedade**, v. 5, n. 2, ago./dez. 2002; v. 6, n. 1, jan./jul. 2003.